

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

**Sou da rua – experiência etnográfica com Moradores de Rua em Lisboa –PT**

**Carolina Appel Colvero**

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES)**

**Faculdade São Geraldo**

**RESUMO:** Este estudo traz uma reflexão sobre como as relações estabelecidas pelos sujeitos com um território circunscrito em determinado espaço estão intimamente vinculadas com o seu processo de construção de cidadania. De modo que o território é pensado para além de um espaço físico, geograficamente constituído, e sim composto pelas trajetórias afetivas e subjetivas dos sujeitos, contemplando suas relações alocadas em um dado espaço. Para tanto, são utilizadas falas e experiências obtidas durante um ano de trabalho de campo etnográfico junto a população de rua na cidade de Lisboa-Portugal. Este trabalho de campo foi desenvolvido com vistas à produção de Tese de Doutorado em Sociologia: Cidades e Culturas Urbanas pela Universidade de Coimbra e apresenta dados parciais de uma reflexão cuja tese abrangerá na sua totalidade. As falas mencionadas aqui se referem a breves discursos nos quais se faz presente a noção de territorialidade pertinente a este texto. Os conceitos de cidadania pautados são correlatos e advindos da concepção de território como processo e têm como cenário a sua historicidade. Cidadania atua no campo político na medida em que produz o conteúdo dos direitos absorvidos pelo conceito, bem como a abrangência onde esses direitos terão validade. Neste sentido, entende-se uma cidadania atrelada ao território e seu uso. O seu uso transpõe a lógica da fixidez quando se trata de territórios elaborados sobre o transitório, a trajetória, o processo – o caso de sujeitos que moram nas ruas.

**Palavras-chave:** Territorialidades, Cidadania, Morador de Rua, Rua.

## **Introdução**

As relações estabelecidas pelos sujeitos com um território circunscrito em determinado espaço estão intimamente vinculadas com o seu processo de construção de cidadania. Neste sentido, é possível analisar as relações humanas alocadas em um território para compreender a inserção de alguns grupos no que se entende por cidadania, sendo esta compreendida conforme correspondência ao pertencimento à cidade e, na era moderna pode ser compreendida como a cristalização institucional das redes de solidariedade.

Marshall (1964) desenvolve um influente modelo de cidadania, no qual o compreende como resultante de direitos atribuídos, emergente do desdobramento de direitos civis em políticos e destes em sociais.

Para associar o conceito de cidadania com o de território, cabe refletir acerca deste segundo conceito. Assim, Leal e Fonseca (2010) destacam:

A apropriação do território por um grupo social é um processo gerador de raízes e identidade entre os indivíduos e, desse modo, o grupo passa a não poder ser mais compreendido sem o seu território, base de sua história, cultura e sustentação. (LEAL E FONSECA, 2010, P.3)

Cidadania e território (que produz territorialidades) podem ser analisados a luz de etnografia desenvolvida junto a sujeitos que significam o território das ruas de modo dissonante daquele feito pelo *cidadão* (assim concebido tradicionalmente).

Analiso aqui o caso de algumas pessoas que habitam as ruas da grande Lisboa – Portugal, com as quais desenvolvi trabalho etnográfico durante mais de um ano, bem como traço um paralelo com outros estudos desenvolvidos com moradores de rua.

Essa análise se refere a experiência de algumas pessoas que vivem nas ruas e, com isso, desenvolvem suas territorialidades em relação a esses espaços. Nestes casos, o entendimento que podemos fazer de cidadania é relativo ao conteúdo correspondente a vida e experiência na rua, às suas territorializações na rua.

## **Cidadania e Territorialidade**

Ser cidadão está condicionado à institucionalização de redes de solidariedade. A institucionalização, ainda que precária, abrange todos os sujeitos desta pesquisa. Os elementos aqui apresentados podem servir como subsídio para uma posterior reflexão acerca dos graus de cidadania – se é que é possível a utilização desses termos, sobre o quanto as vidas marginais promovem uma cidadania marginal.

Haesbaert (2009) agrega outros elementos ao termo, negando a associação exclusiva com enraização. Desse modo o descreve como um espaço relacional ou, como relações sociais projetadas no espaço concreto que podem constituir-se e dissolver-se, num ritmo inconstante. É relativo ao tempo e ao momento em que se está. Desta compreensão somam-se outros conceitos como desterritorialização e reterritorialização.

Desterritorializar refere-se ao engajamento em linhas de fuga, à desconstrução dos territórios originais de modo a dar espaço para a elaboração de outros. Subsequente a esta etapa, tem-se a reterritorialização, relativa a constituição de novos territórios sobre o substrato dos antigos.

A desterritorialização é a territorialidade invertida, é a desapropriação de um território, enquanto que a reterritorialização é um movimento de novas significâncias e edificação de novos territórios mediante o abandono de velhos.

Haesbaert (idem) agrega outros elementos ao termo, negando a associação exclusiva com enraização. Desse modo o descreve como um espaço relacional ou, como relações sociais projetadas no espaço concreto que podem constituir-se e dissolver-se, num ritmo inconstante. É relativo ao tempo e ao momento em que se está. Desta compreensão somam-se outros conceitos como desterritorialização e reterritorialização.

Desterritorializar refere-se ao engajamento em linhas de fuga, à desconstrução dos territórios originais de modo a dar espaço para a elaboração de outros. Subsequente a esta etapa, tem-se a reterritorialização, relativa a constituição de novos territórios sobre o substrato dos antigos.

A desterritorialização é a territorialidade invertida, é a desapropriação de um território, enquanto que a reterritorialização é um movimento de novas significâncias e edificação de novos territórios mediante o abandono de velhos.

Os sujeitos constituem identidades com o espaço urbano através destas significações dos territórios supramencionadas. A pertença à cidade, a cidadania se dá a partir de seu uso, do seu direito de uso.

A fluidez das relações com os territórios leva ao uso dos espaços por diferentes sujeitos em diferentes momentos de suas vidas, depende do contexto no qual se está. Isto quer dizer que um espaço que tem certo uso para certas pessoas hoje, poderá ter outros usos para outras pessoas amanhã. Bem como, podem haver, paralelamente, diferentes usos dos mesmos espaços, fazendo variar sua significação. Os espaços são readaptados, remodelados, reconstruídos, e assim, um mesmo *locus* geográfico se constitui em territórios distintos conforme a componente humana sobre tal *locus*.

A fluidez também estende-se às histórias dos indivíduos, que não raro carregam muito movimento, passagens, mudanças de condição familiar, profissão, trabalho, circuitos afetivos. As mobilidades, portanto, transcendem a alocação física do sujeito. Elas são elaboradas conforme suas subjetividades e, mais do que isso, na medida em que constroem suas subjetividades.

Dito isso, o território também pode ser construído no movimento, na medida em que ele não retrata simplesmente um espaço físico. Se assim fosse, Ana (42 anos), outra entrevistada para a pesquisa e cujos dormitórios são temporários, não construiria territorialidade. Contudo, a fala de Ana revela o contrário: ela fala de um sentimento de pertença ao espaço (da cidade) quando produz o texto: “aqui é o meu lugar, vivi a maior parte da minha vida cá. Além disso, cá tenho minhas relações, tudo o que preciso, médicos ou outra assistência qualquer ” Ana acentua a relação afetiva que constitui com a cidade e, ainda que não possua, há anos, uma moradia (perambulando entre ruas e albergues) considera-se pertencente ao lugar. O território no qual está faz ela sentir-se cidadã do local, em referência ao anteriormente exposto debate acerca da cidadania.

Nelson (56 anos), outro entrevistado, quando refere-se a sua nova moradia (na rua), a caracteriza como provisória. No entanto, está nessa nova morada há dezessete anos. Nelson legitima sua ida para rua (a chegada na rua costuma ser apontada como um momento simbólico, de ruptura) através de uma sucessão de eventos adversos em sua vida. Conta que a morte dos pais impulsionou sua mudança de cidade, evento coincidente com a sua saída da casa para a rua. A desterritorialização afetiva provoca desterritorializações físicas e, mais do que isso, ambas mantêm uma relação simbiótica.

A resignificação do espaço territorial ocorre paralelamente no plano subjetivo/interno e no plano físico/geográfico sem que haja, aparentemente, uma ordem sequencial definida. Nelson primeiro estabelece uma moradia na rua e depois constrói seus afetos com o novo espaço e a ruptura com seu antigo território ou é o contrário?

Em outro enunciado, Nelson revela alguns elementos importantes que a rua lhe fornece, pelo contrário da casa: o descompromisso com a higienização, a contenção propiciada pelo teto e pelas paredes. “Não vou limpar isso todos os dias, nem que eu quisesse, isso é a rua, é o lugar onde outras pessoas deitam fora seu lixo, aquilo que não querem mais (...) posso ir pra lá e pra cá, posso ver as pessoas passando sem ter que ir para a janela porque tudo é janela (risos)”. Contrariando outras de suas falas nas quais expressa a necessidade de sair de casa e morar na rua, atribuindo fatores socioeconômicos à passagem, aqui Nelson revela outros elementos que seriam “vantagens” de estar na rua, em oposição à casa, onde há paredes e contenção. O que não deslegitima, de modo algum, a indiscutível seara de desigualdade social que configura espaços urbanos onde algumas pessoas acessam com muita facilidade estruturas e bens que são inalcançáveis para outras. Antes pelo contrário, o território também pode ser compreendido como um suporte do corpo político sob uma estrutura governamental (GOTTMANN, 2012). O plano político é o terreno da construção de cidadania, na medida em que *política* deriva de *pólis* que, por sua vez, significa cidade-estado (Grécia Antiga). E *cidadania* corresponde à agregação institucional e ao acesso à direitos, conforme debatido no início deste texto.

As falas de Nelson reiteram que a ida pra rua não inicia com o desejo / necessidade de desconstruir exclusivamente o território físico ou o subjetivo, mas ambos ao mesmo tempo, porque estão associados. Mais do que isso, a ida pra rua não possui um início pontual porque trata-se de um processo.

Ao mesmo tempo em que não nega a precariedade e nem superestima as vantagens da vida na rua, Nelson reforça um território dado pelo tempo presente. É geográfico mas também é íntimo ou, na concepção de Milton Santos (2005), não há dicotomia entre mobilidade e imobilidade. A territorialidade deriva do trânsito e é o próprio trânsito, no sentido de que é composta pelo processo de elaborações geográficas e também subjetivas. Afinal, também pode-se compor território em movimento, através de espaços descontínuos.

Um território não corresponde simplesmente ao espaço da onde se é, mas também corresponde a onde se está (vide frase de António: “se agora estou cá, agora sou de cá”).

Mais do que isso, neste debate, o *ser* corresponde ao *estar*. Neste caso, todo território é funcional e expressivo (DELEUZE & GUATARRI, 1996), pois produz condições objetivas de vida ao mesmo tempo em que expressa modos de vida e de estar no mundo. Expressa as relações com o ambiente, suas significações e representações. O espaço da rua habitado por Nelson representa seu dormitório, seu quintal, o lugar onde guarda seus pertences e onde tem vizinhos com os quais mantém relações. Para um transeunte, este mesmo espaço traduz-se em outras significações, conforme a fala de Nelson: “é o lugar onde outras pessoas deitam fora seu lixo, aquilo que não querem mais”.

Os sujeitos constituem identidades com o espaço urbano através destas significações dos territórios supramencionadas. A pertença à cidade, a *cidadania* se dá a partir de seu uso, do seu direito de uso.

### ***Se agora estou cá, agora sou de cá: identidade de território e de cidadania***

A composição de territórios no plano das identidades sociais constrói cidadãos – da cidade, o que pode ser verificado em experiências relatadas nas falas nas quais o sujeito situa-se em determinado território (ainda que provisoriamente). “Se agora estou cá, agora sou de cá” retrata a conexão de Antonio com o território, ele é cidadão do espaço determinado. Ao mesmo tempo em que revela o caráter transitório de tal situação. Subentende-se que Antonio já foi territorializado em outros terrenos e com outras significações, bem como, que houve desterritorialização e reterritorialização.

Haesbaert (idem) agrega outros elementos ao termo, negando a associação exclusiva com enraização. Desse modo o descreve como um espaço relacional ou, como relações sociais projetadas no espaço concreto que podem constituir-se e dissolver-se, num ritmo inconstante. É relativo ao tempo e ao momento em que se está. Desta compreensão somam-se outros conceitos como desterritorialização e reterritorialização.

Desterritorializar refere-se ao engajamento em linhas de fuga, à desconstrução dos territórios originais de modo a dar espaço para a elaboração de outros. Subsequente a esta etapa, tem-se a reterritorialização, relativa a constituição de novos territórios sobre o substrato dos antigos.

A desterritorialização é a territorialidade invertida, é a desapropriação de um território, enquanto que a reterritorialização é um movimento de novas significâncias e edificação de novos territórios mediante o abandono de velhos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia dasupermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994. (Coleção Travessia do Século).

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Lisboa: Relógio D'água Editores, 2005.

BEGAG, Azouz. **Espace et Exclusion: mobilités dans les quartiers périphériques d'Avignon**. Paris: Ed. L'Harmattan, 1995.

CASTEL, Robert. **Metamorfoses da questão social**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARRI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1996.

FERNANDES, Luís. **O sítio das drogas**. Lisboa: Notícias, 1998.

FONSECA, Cláudia. **Quando cada caso NÃO é um caso**. Porto Alegre: Revista UFRGS, 1999.

FORTUNA, Carlos e LEITE, Rogério Proença. **Plural de cidades: Novos Léxicos Urbanos**. Coimbra: Almedina, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREHSE, Fraya. **Vir a ser transeunte: civilidade e modernidade nas ruas de São Paulo (entre início do século XIX e início do século XX)**. Tese de Doutorado. São Paulo, Departamento de Antropologia, USP, 2004.

FRÚGOLI JR, Hélio. **O urbano em questão na antropologia; interfaces com a sociologia**. Revista de Antropologia, São Paulo: 2005

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição humana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

GOTTMANN, Jean. **A evolução do conceito de território**. Campinas: Boletim Campineiro de Geografia, 2012, ano II, nº3.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

HAESBAERT, Rogério e BRUCE, Glauco. **A desterritorialização na obra de Deleuze e Guatarri**. 2009. Disponível em [www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/.../72](http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/.../72)> Acesso em: 2 jun 2010.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_, Rogério. Desterritorialização, Multiterritorialidade e Regionalização. In: Brasil, Ministério da Integração Nacional. **Para pensar uma política nacional de ordenamento territorial**. Brasília, 2005

LEAL, Adílio Alves e FONSECA, Gildete Soares. **Território: categoria geográfica das múltiplas perspectivas**. 2010.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Ed. Moraes, 1991.

MARSHALL, T.H. **Citizenship and Social Class**, In: Marshall, T. H. Class, Citizenship and Social Development. Chicago: The University of Chicago Press, 1964.

MARTINS, Ana Maria Ferreira. **As sem-abrigo de Lisboa**. Dissertação de Mestrado. Lisboa: AMI, 2007.

MENDOZA, Edgar. **Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935 – 1950)**. Porto Alegre: Sociologias, 2010.

MERLIN, Pierre e CHOAY, Françoise. **Dictionnaire de L'Urbanisme et de L'Aménagement**, Paris, Presses Universitaires de France, 1988.

PAIS; José Machado. (Coordenação). **Traços e Riscos de Vida. Uma Aproximação Qualitativa a Modos de Vida Juvenis** (Coordenação), Porto: Ambar, 1999.

PARK, Robert. **A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano**. In: VELHO, O.G.(org.), O fenômeno urbano, Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.



ROBAINA, Igor Martins Medeiros. **As populações de rua nas grandes metrópoles: reflexões sobre tensões, conflitos e territorialidades nos espaços públicos.** Rio de Janeiro: Revista Tamoios jul/ dez, 2010, ano VI, N°2.

ROLNIK, Suely. **À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia.** Seção Ponto e Contraponto, Boletim de Novidades, Pulsional - Centro de Psicanálise, Ano V, nº 41: 33-42. São Paulo, Livraria Pulsional, setembro de 1992.

SANTOS, Milton. **O retorno do território.** IN: Debates: Território e movimentos sociais. Ano VI nº 16 Enero-abril, 2005.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** São Paulo: Record, 2008.

SHIELDS, Robert. **Places on the Margin – Alternative geographies of modernity.** London and New York: Routledge, 1991.

SPOSITO, Marília Pontes. **A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade.** São Paulo: Rev. Soc. USP, 1993.

WACQUANT, Loïc. **Os condenados da cidade.** Rio de Janeiro: Ed. Revan, 2005.